



Uma vida em palco

Dia 10 de Dezembro assinala-se a obra de Jaime Salazar Sampaio, a propósito da edição completa dos seus textos dramáticos. Foram 65 anos a escrever teatro.

TEXTO João Morales

Falecido em Abril deste ano, Jaime Salazar Sampaio (JSS) deixou um amplo trabalho como dramaturgo, registado em cinco volumes com a chancela da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. O lançamento do quinto tomo perfaz a publicação integral das suas peças, fixando assim seis décadas e meia da sua produção para teatro (balizadas entre a publicação de “Aproximação”, peça de 1945, e “A Cavalgada”, de 2009).

Dia 10 de Dezembro a obra e o percurso deste criador estarão no centro das atenções, na livraria Leya na CE Buchholz em Lisboa, numa sessão marcada para as 18h 30m.

No seu teatro muitos encontraram uma forte ligação ao universo do absurdo, tendo sempre recolhido inúmeros elogios à sua capacidade para elaborar diálogos, marca distintiva da sua abordagem à ficção. Jaime Salazar Sampaio (1925-1910) foi silvicultor de formação, com um doutoramento feito em França, pela Sorbonne, e especializou-se em aspectos da Economia portuguesa ligados à cortiça. Mas foi pela arte que o seu nome ficou inscrito, com ampla produção de peças teatrais e uma, por vezes, subestimada presença na poesia portuguesa.

O HUMANO ABSURDO

O teatro de Jaime Salazar Sampaio deve muito à exploração do absurdo, remetendo na sua estética para nomes como Ionesco ou Beckett. A sua criação dramática sempre viveu muito dos diálogos, apostando no incentivo de uma vivacidade entre o palco e os es-

pectadores que se traduz numa consciência partilhada entre ambos. Há ecos dessa cumplicidade em peças como “O Homem Dividido” (pela qual recebeu o Grande Prémio da Associação de Escritores, em 1999) ou a mais antiga “Viva o Teatro”, com interpelações directas entre actores e públicos (evocando a influência de Pirandello).

No fundo, JSS fez uso de uma concepção abrangente da arte de palco, tendo, a cada momento, a noção de que o resultado de uma criação colectiva, mais não é do que a simbologia da comunicação que se estabeleça entre os seus intervenientes. “Este dramaturgo constante e copioso mostra-se coerente na variedade e heterogeneidade da obra e minucioso e escrupuloso na fundamentação estética e teórica da prática teatral”, escreve Duarte Ivo Cruz, em “O Essencial Sobre Jaime Salazar Sampaio”.

Como já foi escrito, paralelamente ao teatro, JSS deixou um legado poético. Não será despiciente referir que JSS teve uma importante participação nos movimentos da poesia experimental portuguesa, com alguns trabalhos importantes na chamada poesia visual (como um texto escrito em forma quadricular em que se lê, justamente, “embora este poema tenha a forma de um quadrado ele é definitivamente o rosto de um homem”).

Em 2009 assinou para a revista Os Meus Livros talvez o seu último texto publicado, para a secção Apostas, escrevendo então sobre um jovem dramaturgo, Ricardo Boléo, que lhe tinha feito uma entrevista. É um pequeno extracto dessa conversa (inérita) que pode ler nas páginas seguintes. ¶



«Sei muito pouco sobre o meu teatro»

Em 2009 Ricardo Boléo entrevistou Jaime Salazar Sampaio, conversa que permanece inédita. Aqui lhe deixamos um pequeníssimo extracto, podendo aceder ao texto integral no blogue da revista Os Meus Livros (<http://oml.com.pt/blogs>) a partir de 6 de Dezembro.

Diz que sabe muito pouco sobre o seu teatro. O que é que realmente sabe sobre o seu teatro?

A primeira coisa que eu sei é que me tem sido necessário escrevê-lo. Na construção da peça, geralmente a cena inicial que, também geralmente, é muito curta e, também geralmente, envolve poucos personagens... A cena inicial, fico sempre com a sensação... sempre ou quase sempre... com a sensação que não foi escrita por mim... que me aconteceu, foi um acontecimento. Muitas vezes aquilo vai para dentro de uma gaveta e fica lá tempos imemoriais. A propósito ou a despropósito, a peça «Conceição ou um Crime Perfeito» esteve 15 anos numa gaveta e só foi desenterrada porque o [Luiz] Pacheco me disse que aquilo não era mau. Retomemos então o fio à sua conversa, a pergunta tinha sido exactamente...?

O que é que realmente sabe sobre o seu teatro?

O que é que eu sei sobre o meu teatro... Como está a ver, sei pouco. Nessa primeira fase, de facto... daí não sei nada, pronto! Ou não sei quase nada. Agora, à medida que as personagens vão começando a definir-se aos meus olhos, à medida que isso acontece, o processo torna-se mais consciente mas a dada altura – e essa altura é muito variável de peça para peça – parece-me que existe uma certa colaboração para a fábula, entre mim e as personagens. Quero dizer, já não sei o que é que vem de mim, já não sei o que é das personagens. Claro que

isto, no meu teatro, não é tão estranho como possa parecer, uma vez que – e isso eu nunca neguei – as minhas personagens têm muito de mim... têm muito de mim. Quando chegamos à parte final, aí é que é o pior das peças. É que eu, finais de peças, não sou assim muito feliz. Não sei acabar peças ou quase não sei. Só sei acabar as peças menos importantes, as outras geralmente não sei acabar. Às vezes a situação é esta: eu estou a escrever, estive muito entusiasmado, tive o convívio com as personagens e, de repente, desinteressei-me, chateei-me e quero fazer outra coisa, então invento um final que às vezes o Carlos Paniágua corrige. Estou a lembrar-me de um exemplo concreto. E isso já aconteceu mais que uma vez. Parece-me que já aconteceu duas vezes. Não me pergunte que peças foram que não tenho a memória do Paniágua. Mas diga-me, a pergunta continua a ser o que é que eu penso sobre o meu teatro?

O que é que sabe, o que é que sabe...

O que é que eu sei... A primeira coisa é que sei que sei muito pouco sobre o meu teatro. Eu estou convencido que o meu teatro, na esmagadora maioria dos casos, não é intencional. Eu não sei porque é que estou a escrever aquilo. Se não fosse assim, se calhar não tinha escrito tantas peças. Muitas vezes tenho uma ideia de como aquilo vai acabar mas não conheço o caminho entre o início (que me foi quase oferecido) e o final (que já é um acto voluntário



meu). Às vezes o final, o que eu pensava que era o final, não é nada daquilo porque o desenvolvimento leva-nos para outro sítio.

Depois de mais de cinquenta anos a escrever ainda tem muitas histórias para contar?

Eu não tenho histórias para contar, as coisas vão-me acontecendo. Eu acho que podia ter perfeitamente acabado o meu trajecto como escrevinhador de peças com "Um Homem Dividido", acho que podia ter sido aí. Não sei se a grande maioria das peças que eu escrevi depois disso têm uma justificação plena ou se pode ser considerado quase como uma cópia de outras coisas que eu já tinha feito. Tenho umas excepções para isso. À medida que o tempo foi passando, depois desta peça que duraria 2 horas e 45 minutos, as minhas peças que, antes dessa, já eram normalmente curtas – peças em três actos, pouquíssimas – diminuíram, diminuíram drasticamente. Diminuíram porque eu senti cada vez mais a necessidade de síntese e também diminuíram porque a minha capacidade de escrita se foi muito abaixo. É o que eu digo, às vezes as palavras vinham-me comer à mão e hoje tenho que andar à procura delas debaixo dos móveis, é diferente. Mas também há uma certa alegria em conseguir encurtar as peças e admitir-lhes que têm um certo sentido, que talvez tivesse valido a pena escrevê-las. A minha peça mais recente só tem duas falas.

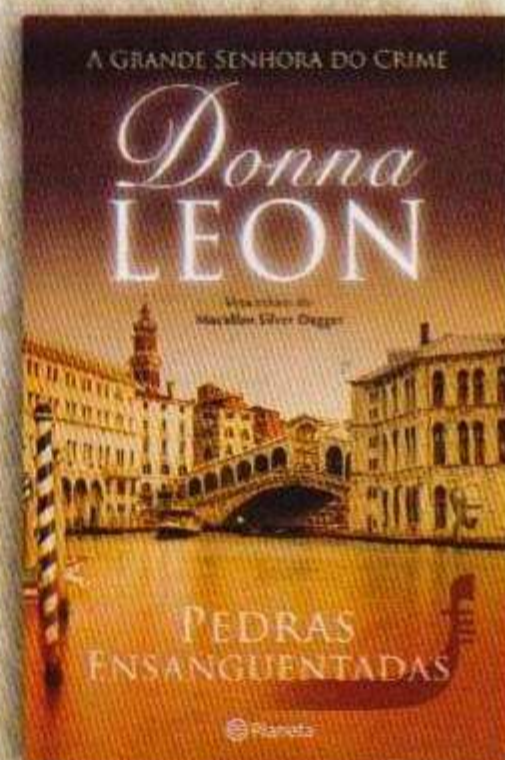
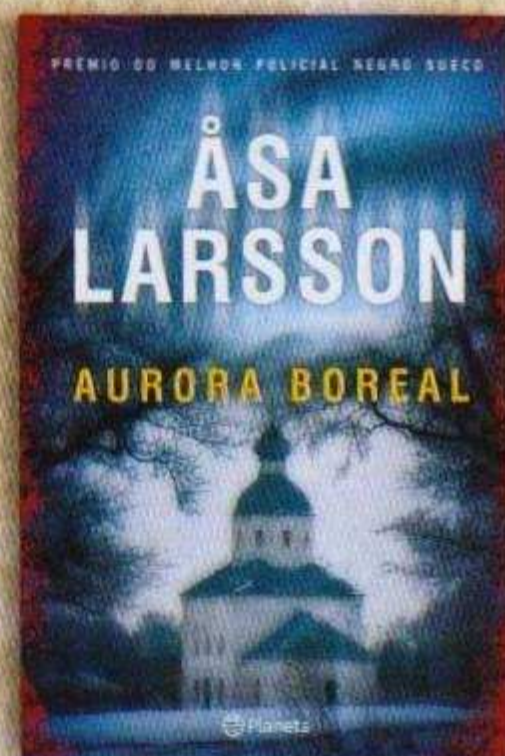
E o que é que significa ser um dramaturgo contemporâneo, que vive nesta sociedade e que escreve acerca dela?

Neste momento?

Ao longo do tempo e neste momento. Ao longo do tempo, as coisas mais variadas. Havia o tempo da censu-

ra em que a minha atitude – necessariamente e não por vontade própria – tinha de ser muito diferente do que é hoje. Muito embora, eu esteja convencido que se a censura oficial acabou, há um monte de censuras que se vêem menos mas que actuam muito bem. Por exemplo, o facto de o teatro ter cada vez menos dinheiro é uma forma de censura para a generalidade dos autores. Não é para um, nem para uma peça em geral, mas é uma forma de censura. E há outras, muitas outras. E há o sentido de oportunidade das peças que é atribuído por responsáveis do Teatro, por encenadores, etc.... que tem variado ao longo do tempo e, portanto, ou me leva mais para o palco ou me retira do palco. Neste momento retirou-me praticamente do palco. Nos últimos anos, peças representadas são poucas tirando aquelas reprises feitas pelo Paniágua que de vez em quando impinge «Árvores, Verdes Árvores» aos putos de uma escola mas tirando isso... Agora vai haver um espectáculo meu, segundo me disse o encenador, em Portalegre no grupo do José Mascarenhas. Mas são coisas esporádicas. Há uma coisa que sempre me irritou e agora dá-me vontade... É dizerem que eu sou o autor mais representado! Estatisticamente durante uns anos parece que sim, segundo um inquérito que se fez. Mas isso não significa absolutamente nada: não é pelo número de peças que a pessoa é mais ou menos representada, é pelo sistema em que elas engrenam! Se é para fazer dois espectáculos é uma coisa, se é para estar em cena três meses é outra coisa completamente diferente. Essa noção é, para mim, para deitar fora. E hoje então é ridículo. E é normalíssimo, não tenho qualquer amargura ao dizê-lo. Pronto, acabou-se o meu teatro, acabou. ¶

O MELHOR POLICIAL



Catálogo disponível em www.planeta.pt